

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Anna Maria Faustino Cortes

**MULHER NEGRA: SUA TRAJETÓRIA DENTRO E FORA DO MOVIMENTO NEGRO ATÉ OS
TEMPOS ATUAIS**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientador: Prof. Dra. Christiane Jalles de Paula

Juiz de Fora
2018

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **Anna Maria Faustino Cortes**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201672166A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **“MULHER NEGRA: SUA TRAJETÓRIA DENTRO E FORA DO MOVIMENTO NEGRO ATÉ OS TEMPOS ATUAIS”**, desenvolvido durante o período de Março de 2018 a Julho de 2018 sob a orientação da Prof. Dra. Christiane Jalles de Paula, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

Anna Maria Faustino Cortes

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

MULHER NEGRA: SUA TRAJETÓRIA DENTRO E FORA DO MOVIMENTO NEGRO ATÉ OS TEMPOS ATUAIS

Anna Maria Faustino Cortes¹

Resumo: O presente artigo é uma análise da trajetória e da situação em que se encontram as mulheres negras do Brasil. Essas análises surgem a partir da leitura depoimentos de mulheres envolvidas como o movimento negro no Brasil, retirados do livro "História do movimento no Brasil". Este livro é uma junção de relatos de pessoas que se tornaram referência no movimento negro brasileiro com base em suas experiências de vida. São diversos relatos recolhidos entre setembro de 2003 a abril de 2007, abordando diversos temas e questões. Nesses relatos fica possível identificar as maiores dificuldades em ser uma mulher negra no Brasil, e a trajetória dessas mulheres dentro do movimento negro, nos proporcionando assim um entendimento e um conhecimento global acerca do assunto abordado. Com foco nos relatos das mulheres, faremos uma viagem pela luta feminista das mulheres, dentro e fora do movimento negro. Entender que dentro do feminismo, temos também outras vertentes, e uma delas é o feminismo negro que aparecerá recorrentemente neste artigo. Trataremos também de como a mulher negra é vista perante a sociedade em um panorama geral. Como a mulher negra é vista e colocada na mídia e como é o mercado da beleza para as mulheres negras. E por fim, como podemos mudar esses quadros.

Palavras chave: Negra, racismo, mulher, gênero, Brasil.

Abstract: This article is an analysis of the trajectory and the situation in which the black women of Brazil are found. These analyzes emerge from the reading statements of women involved as the black movement in Brazil, taken from the book, "History of the movement in Brazil." This book is a collection of accounts of people who have become reference in the Brazilian black movement based on their experiences of life. There are several reports collected between September 2003 and April 2007, covering topics ranging from abolition to the present day. In these reports it is possible to identify the greatest difficulties in being a black woman in Brazil, and also the trajectory of these women within the black movement, thus providing us with an understanding and global knowledge about the subject addressed. Focusing on women's accounts, we will take a journey through the feminist struggle of women, both inside and outside the black movement. Understand that within feminism, we also have other strands, and one of them is the black feminism that will recurrently appear in this article. We will also discuss how the black woman is seen before society in a general panorama. How the black woman is seen and placed in the media and how is the beauty market for black women. And finally, how can we change these frames.

1.Introdução

O Brasil é um país marcado pela escravidão, onde até os tempos atuais é possível observar as marcas deixadas por esse período.

Com a pressão da Inglaterra na época, a escravidão foi aos poucos sendo abolida ao redor do mundo. Contudo esse processo no Brasil ocorreu aos poucos.

Em 1850 foi proibido o tráfico de escravos no país. Em 1871 foi decretada a lei do ventre livre, onde filhos de escravos, nascidos a partir dessa data eram já não eram mais escravos. Em 1885 foi decretada a lei dos Sexagenários onde era concedida a liberdade á escravos com 65 anos ou mais. E por fim em 1888 foi assinada a lei Aurea pela Princesa Isabel, que abolia definitivamente a escravidão no Brasil.

Tendo assim o Brasil como o último país independente a abolir definitivamente a escravidão. No entanto, para compreendermos melhor as condições as quais os negros vivem atualmente no país é necessário também, entendermos as condições as quais se deu a abolição.

Os negros alforriados foram jogados no mundo, sem que se houvesse sido implementada qualquer política de inclusão, para a inserção dessas pessoas na sociedade, não existia sequer preocupação com o destino dessas pessoas. Como consequência desse abandono esses escravos alforriados são expulsos para os morros onde chamamos atualmente de "favelas".

"Nunca houve anos no Brasil em que os pretos (...) fossem mais postos à margem". Lima Barreto (1881-1922)

¹ Graduanda em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: annafcortes@hotmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientadora: Prof. Dra. Christiane Jalles de Paula

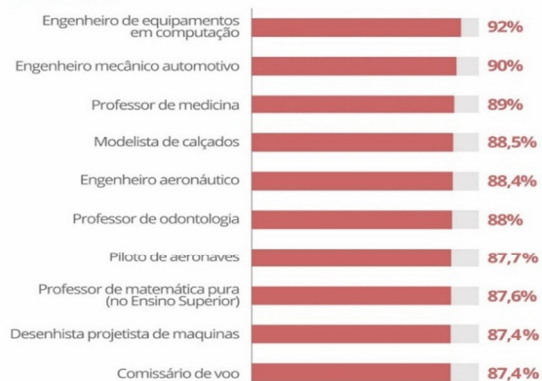
Mediante a isso, hoje vemos os reflexos dessa abolição, feita em torno dos interesses da elite. Temos um povo que foi jogado “a própria sorte”, resultado disso os negros vivem atualmente uma forte segregação racial e um violento preconceito racial.

Temos o Brasil, como um país que cresceu e se desenvolveu apoiando-se na desigualdade e no trabalho do negro. Atualmente esse quadro não mudou, tínhamos esse apoio em cima do trabalho escravo e hoje vemos o trabalho apoiado em cima do trabalho dos negros, que em sua maioria ainda ocupam cargos de subordinação e menor prestígio para a sociedade. É possível entender melhor esse quadro através do gráfico abaixo:

O mercado de trabalho para brancos e negros

Empregos que possuem maior quantidade de brancos e negros

BRANCOS



NEGROS



Fonte: RAIS 2016 / Ministério do Trabalho e Emprego

Infográfico elaborado em: 11/05/2018



Um dos fatores para o crescimento de tal diferença é o fato de que a população negra, que pôr em sua maioria representar a parcela mais pobre da população, acaba tendo que ingressar no mercado de trabalho mais cedo e não pode se dedicar aos estudos.

Uma diferença brutal, se levarmos em consideração o fato de que a população do Brasil em sua maioria é composta por negros.

Apesar de abolida a escravidão, os negros ainda continuam sendo vistos sob um olhar escravagista. Pois, a situação a qual a população negra foi submetida após a abolição, a omissão do Estado ao não se envolver, culminou para a situação a qual o negro se encontra atualmente.

Fica evidente o fato quando falamos em preconceito racial e quando analisamos as classes sociais. Pois esses dois fatores não se separam, eles se interligam, por exemplo, o negro que é maioria no país, ainda não é maioria nas universidades, e ainda ocupam as vagas de subempregos.

Segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), pretos e pardos equivalem a 54% da população brasileira, composta por 207 milhões de pessoas. Mas ainda assim existe uma grande discrepância entre as condições a quais a população branca e negra vive.

No país, a maior parte das pessoas nas favelas ainda são os negros, os menores índices de escolaridade ainda são dos negros e os negros ainda ocupam as classes mais baixas na sociedade.

“Segundo a Anistia Internacional, 77% dos jovens mortos no Brasil são negros, ao passo que, conforme o Atlas da Violência 2017, do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), a população negra tem 23,5% chances a mais de morrer do que grupos de qualquer outra etnia.

(...) segundo dados do IBGE, 11,2% da população preta são analfabetos e 11,1% de pardos o são. Esse mesmo indicador é de 5% entre brancos.

(...) segundo pesquisa divulgada em 2015 pelo IBGE, 12,8% dos jovens negros estavam na universidade, isso é mais do que o dobro em comparação com dez anos antes, quando havia 5,5% desse mesmo grupo no ensino superior. Ainda assim, essa quantidade é ínfima se comparada com a população branca, que tem 26,5% de jovens na universidade.” Amauri Eugênio Jr. 13 de maio/almapreta.com

No livro “História do movimento negro no Brasil”, ainda no capítulo I, analisando os depoimentos, podemos notar, que a discriminação ocorre em diversos âmbitos, entre eles temos o familiar, nas ruas, nas escolas, na vizinhança, na academia, e por aí vai. E muitas vezes as próprias vítimas do racismo nem se dão conta desse fato, pois são discursos que já estão impregnados em nossa sociedade, já se tornaram comuns.

Quando se toma a consciência de que certos discursos e atitudes que mesmo que sejam comuns, mesmo que sejam reproduzidos com frequência não estão corretos, é o que podemos chamar de “despertar da consciência negra”.

“Virei presidente da Associação de Moradores do Morro do Andaraí em 1980. Neste mesmo ano, eu estava na faculdade santa Úrsula, e a questão racial ainda não estava na minha cabeça. Nós tínhamos o centro Acadêmico de História Luiz Gama, que era dirigido por um grupo de negro da Bahia. Um dia ia ter um debate e me convidaram: “É para discutir sobre esse negócio de negro” Eu falei: “Eu? Não quero saber disso. Está ficando maluco?” Disseram: “Porque tem racismo no Brasil.” Eu falei: “Que racismo? Onde é que inventaram esse negócio? Era só o que faltava. Vocês estão trazendo coisas dos Estados Unidos para cá. Não tem esse negócio aqui não, só na África do Sul”. Nisso começou a aula. Daqui a pouco entra um rastafári na minha sala e diz “Vamos lá que a gente está te esperando. Vai ser um debate maravilhoso.” Fui para o debate á laço!

“Cheguei lá quem estava na mesa? (...) Léia Gonzalez (...) E a Léia falando daquele jeito como ela falava, maravilhosa. Aquela forma contundente como ela falava, apaixonada. Mas eu briguei emocionalmente com ela. Eu falei: Essa mulher está ficando doida. Onde é que essa mulher arrumou isso?” Foi muita resistência, mas, ao mesmo tempo, alguma coisa ela falou que me tocou tão profundamente que eu comecei a ir aonde eu soubesse que ela estava (...) foi exatamente nesse momento que eu tomei consciência da questão racial. E fiquei muito brava. (...) depois é que entendi isso. (...) porque fui enganada. A vida toda eu bebi na tal história de que no Brasil não tinha racismo. Quando eu descobri que existia ... As pessoas faziam as denúncias e eu comecei a ver: realmente, eu morava na favela, e via como a polícia tratava as pessoas, qual era o nível de escolaridade delas etc. Eu vivia ali no caldeirão e sabia que aquilo era verdade.” Jurema Batista, página 54. Histórias do movimento negro no Brasil.: depoimentos ao CPDOC / org. Verena Alberti e Amílcar Araújo Pereira - Rio de Janeiro: Pallas; CPDOC – FGV, 2007.

Quando se toma essa noção, de que o negro é uma vítima do sistema e entende-se a emergência das mudanças desse quadro. Quando se toma essa consciência que independentemente da cor, raça, etc. As pessoas devem receber o mesmo tratamento, ter os mesmos direitos e deveres, é que se decide fazer algo a respeito.

A partir de então o movimento negro começa a articular essas ideias, e lutar para mudar esse quadro. O movimento negro no Brasil, recebe seu ponta pé, e começa de fato em 16 de setembro de 1931 com a criação da Frente Negra Brasileira (FNB), quando em 1933, lançou seu jornal em São Paulo, que recebeu o nome de “Voz da raça”. Mais para frente (1936) a FNB foi transformada em um partido político, mas não perdurou por muito tempo. A partir de então foram criadas diversas fundações, contendo homens e mulheres com os mesmos objetivos que é a igualdade racial e social, social mediante devido ao fato da história do negro no Brasil, o resgate de sua cultura e origens africanas, apoio aos negros marginalizados, ações na educação etc.

2. Negra e mulher: duplo desafio

Em um dado momento, as mulheres de dentro do movimento negro começam a notar que existem pautas de emergência para elas, que o movimento negro não abrange. E a partir do momento em que as mulheres de dentro do movimento negro identificam a falta do protagonismo feminino, quando se vê mulheres excelentes dentro movimento, e que mesmo assim encontramos um movimento praticamente todo guiado por homens. Ao observar a diferença do lugar de fala que os homens ocupam dentro do movimento e a que as mulheres ocupam, entende-se que para a mulher somente a luta racial não basta, deve haver uma luta de gênero.

O fato de existir o movimento negro feminista ao mesmo tempo que o movimento negro, não significa que exista uma ruptura total, entre os movimentos, e sim uma afunilação, para que suas pautas sejam reivindicadas.

“Eu conheci o movimento de mulheres já dentro do IPCN. Mas a maior tendência em relação á ele era dizer “não”, porque se dizia que o movimento de mulheres negras racharia o movimento negro. A discussão sobre a mulher já era profunda entre nós – tanto no IPCN, quanto um todo, quanto nesse grupo, que era um grupo relativamente grande. Aí já se discutia a necessidade de empoderar as mulheres, permitir que as mulheres tivessem um papel fundamental dentro dessa estrutura.” Lúcia Xavier, página 299/300. Histórias do movimento negro no Brasil.: depoimentos ao CPDOC / org. Verena Alberti e Amílcar Araújo Pereira - Rio de Janeiro: Pallas; CPDOC – FGV, 2007.

Ao entender que as mulheres precisavam ocupar seu espaço, as mulheres começam a migrar do movimento misto para o movimento das mulheres negras, em busca de suas pautas e representatividade.

“(...) O movimento negro sempre teve um comportamento machista com relação às mulheres negras, do ponto de vista de não aceitar que as mulheres fizessem um trabalho de protagonismo político. Eu percebia também que a relação que os homens negros tinham com as mulheres negras que estavam no movimento negro não era uma relação do ponto de vista político. Eu avalei que não tinha respeito político pela presença daquelas mulheres. Tinha mulheres no movimento negro quando cheguei; agora, essas mulheres não se afirmavam, não disputavam espaço político com aquelas pessoas que estavam à frente do movimento” Joseanes Lima dos Santos, página 303. Histórias do movimento negro no Brasil.: depoimentos ao CPDOC / org. Verena Alberti e Amílcar Araújo Pereira - Rio de Janeiro: Pallas; CPDOC – FGV, 2007.

2.2. Mulher negra em relação a sociedade

Em nossa sociedade patriarcal, ainda têm a mulher como um ser frágil, que deve ser submisso a figura masculina, ao homem.

Mas nem em todas as sociedades isso acontece. Como por exemplo, Mundinha Araújo, relata uma de suas experiências, em que ela ouviu falar de um certo grupo, que viviam em uma espécie de vila, onde só haviam negros e era chamada entre as pessoas daquela determinada região de “terra dos pretos”. Então ela sai em busca desse lugar. Chegando lá ela se deparou com um grupo que remetia muito a cultura africana, lá viviam uma vida bem simples. Mas o mais interessante, foi fato de que nesse grupo, as mulheres eram tidas como figuras de autoridade, elas serviam como as porta vozes, sempre que precisavam tomar alguma decisão, ou quando se era perguntado algo, eram as mulheres que respondiam.

“(...) A imagem que vi, só tinha visto no cinema, na África. (...) tinham muitas mulheres, todas trabalhadoras, e agente percebia que as mulheres eram o grande referencial ali da comunidade. (...) E ali dançavam o tambor de crioula, tinha terreiro e elas sempre dispostas à conversar com a gente, sempre.” Mundinha Araújo, página 243/244. Histórias do movimento negro no Brasil.: depoimentos ao CPDOC / org. Verena Alberti e Amílcar Araújo Pereira - Rio de Janeiro: Pallas; CPDOC – FGV, 2007

Esse quadro nos faz refletir sobre o papel que as mulheres ocupam na sociedade, como por exemplo, quando falamos de religião, temos o candomblé, uma religião de matriz africana como uma das pouquíssimas religiões que têm a mulher como uma liderança religiosa.

Existe um momento dentro do movimento negro em que não se dá mais para separar o fato de que o problema social não está ligado apenas ao problema de classe e ao problema racial, mas também a problemática do gênero.

A partir daí, pensando nisso, por volta da década de 1980, essas mulheres começam a articular suas ideias e se organizar. Ganhando força no Brasil e no mundo, ao mesmo tempo que o movimento negro vinha crescendo.

Temos aqui, alguns dos principais momentos da história do movimento de mulheres negras no Brasil, que se intensifica após 1988.

Em 1983 no Rio de Janeiro, surge o primeiro coletivo de mulheres negras a Nzinga, criado por Léia Gonzalez. Um coletivo que buscava a valorização das características da mulher negra, que as tornavam diferentes das brancas, mas que nem por isso deve aceitar ser aceita a desvalorização dessas características perante a sociedade.

Em 30 de abril de 1988 é fundado o Geledés- Instituto da Mulher Negra. Um instituto voltado para o combate ao racismo e ao sexismo. O Geledés é um movimento feminista negro onde eram praticados cultos religiosos, protagonizado por mulheres, onde traziam lideranças de vários outros movimentos. E tendo como protagonista Sueli Carneiro, que é referência no movimento negro, e principalmente de mulheres negras.

O instituto desenvolve seu plano de ação, com base em um tripé: Direitos humanos, saúde e comunicação. Colocando como pautas emergentes a questão racial e de gênero em relação aos direitos humanos, a educação, a saúde, a comunicação, o mercado de trabalho, a questão acadêmica e as políticas públicas.

E até hoje é atuante na área, durante 30 anos, trazendo informação e valorização da cultura para essas mulheres.

Em dezembro de 1988 acontece o I encontro Nacional da mulher negra. Nesse encontro elas articularam suas ideias em relação a questão do gênero e da classe relacionadas a questão racial. E foto de precisarem transcender ao feminismo.

Em novembro de 1988 nos dias 6, 7 e 8 ocorre o I Encontro Estadual da mulher negra no Rio de Janeiro.

Em 1990 Surge o Fórum de mulheres negras de Sergipe.

Em 1991 ocorre no Sergipe o II encontro nacional das mulheres negras.

Em 1993 I seminário de mulheres negras (pesquisar)

Em 2 de setembro de 1992 surge fundação Criola, no Rio de Janeiro, com seus projetos todos voltados para mulheres negras, mulheres, crianças e adolescentes.

Em abril de 1997, surge a “Fala Preta!”, fundação essa voltada para as mulheres negras.

Em 30 de outubro de 2000, acontece um encontro entre representantes de 26 organizações de mulheres negras do Brasil, Peru, Equador e Uruguai, para tratar sobre a Conferência de Durban.

Em 2000 acontece uma conferência para articular ideias do III Encontro Nacional das mulheres negras.

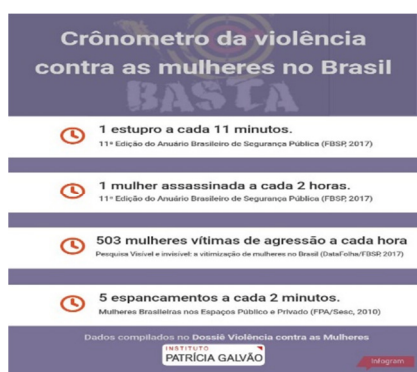
Em 22 de agosto de 2002, o Ministério da Cultura define a implementação de cotas destinadas, á negros, mulheres e portadores de deficiências para cargos como, direção e contratação.

2.. Movimento feminista negro: uma vertente do feminismo.

O feminismo é um movimento que surgiu há um tempo, mas que ganha força no início do século XX.

Em uma sociedade onde a desigualdade de gênero é gritante, onde as mulheres ganham 30% á menos que os homens, para realizarem a mesma função, onde a violência doméstica ainda é comum e constante, onde a cada 11 minutos uma mulher é estuprada, onde o feminicídio aumenta cada vez mais, e muitas outras realidades a quais as mulheres são subordinadas diariamente.

Para ilustrar esses dados, segue a baixo um cronômetro divulgado pelo instituto Patrícia Galvão.



(Fonte: <http://agenciapatriciagalvao.org.br/>)

Temos o movimento feminista como um movimento que tem como pauta principal a luta pela igualdade entre homens e mulheres.

Mas dado um certo momento, as mulheres negras percebem que sua luta é uma luta diferente. Deve-se entender que a situação da mulher negra, é diferente da situação da mulher branca, porque mesmo estando dentro do feminismo a mulher negra, ainda luta por direitos, que já fazem parte da vida das mulheres brancas á muito tempo, as mulheres negras têm pautas diferentes das pautas das mulheres branca, são pautas emergentes, direitos básicos que ainda não fazem parte de suas vidas.

“Como pensar a questão de gênero, a questão específica da mulher negra no contexto da luta racial.” Suéli Carneiro, página 54. Histórias do movimento negro no Brasil.: depoimentos ao CPDOC / org. Verena Alberti e Amílcar Araújo Pereira - Rio de Janeiro: Pallas; CPDOC – FGV, 2007.

Ser uma mulher negra, é ter uma luta dupla. Dupla, pois, além de ser mulher e sofrer todas as opressões e subordinações dessa sociedade, que é uma sociedade machista e patriarcal, onde a mulheres vivem uma situação constante de vulnerabilidade, ela também tem que lutar contra o racismo.

“... além de lutar pela igualdade de oportunidades para homens e mulheres, o feminismo negro batalha para inserir a mulher negra na sociedade.” (claúdia.abril.com.br. 6 de abril, 2017)

Lembrando que, as mulheres num geral ganham 30% menos do que o homem no mercado de trabalho, enquanto isso as mulheres negras ganham 30% á menos que a mulher branca, que já ganha 30% á menos que um homem.

Por isso quando falamos de feminismo, é importante não generalizar, não devemos entender o feminismo como uma coisa só, e sim como um grande movimento, que possui suas várias vertentes, com suas pautas específicas.

O movimento feminista não é homogêneo, ele é heterogêneo. No qual existem pessoas diferentes, e que possui suas pautas, suas lutas e questões específicas. De acordo com a realidade de cada grupo.

O feminismo procura entender as pautas, dentro de sua realidade. Ou seja, são pessoas diferentes, com pautas específicas.

Dado um certo momento no movimento feminista, começa a se criar diversas vertentes ao longo dos anos, baseadas nas especificidades de determinados grupos, para conseguir abraçar as demandas e lutas de todas as mulheres e de todas as minorias.

Num momento em que as mulheres negras não se veem representadas, e notam que existem pautas específicas, surge então essa vertente do feminismo, que é o 'movimento feminista negro'.

"Hoje vivemos os 'feminismos'. Sempre temos que falar no plural, pois este é um movimento marcado por uma dinâmica horizontal" Carolina Branco de Castro Ferreira, pesquisadora do núcleo de estudos de gênero Pagu, da Unicamp, em entrevista ao *Huffington Post Brasil*. (cláudia.abril.com.br.6 de abril, 2017)

Mas não necessariamente o movimento feminista deve se tornar uma só, mas é importante que haja uma ligação entre essas lutas, um entendimento acerca da situação e que se saiba se colocar em seu lugar de fala, para que as lutas não sejam invisibilizadas.

Dado o momento em que as mulheres negras saem dessa posição de subordinação ao qual era possível notar dentro do movimento negro misto, começam então a se dedicar a suas pautas específicas.

Em sua militância, destacam-se algumas pautas como, a valorização de religiões, advindas da cultura africana, a inclusão das mulheres negras no mercado da beleza, com criação de produtos específicos para a pele e cabelos da mulher negra, a valorização da beleza da mulher negra num geral e a ocorrência, a visibilidade das mulheres negras na mídia.

2.4. Mulher Negra no sistema de saúde.

O instituto Geledés é um dos primeiros movimentos a trabalhar com a questão da saúde, e ao combate ao racismo institucional, entender que esse tema é de extrema importância para a população e em especial para as mulheres negras. Que eram e ainda são vítimas do sistema de saúde.

Onde nos serviços de saúde a desigualdade se manifesta no atendimento, devido a cor do paciente

A questão é bem preocupante, pois quando analisamos o tratamento que a mulher negra e a mulher branca recebem no sistema de saúde. É constatada essa diferença. São diversas as negligências ocorridas contra a mulher negra.

"O Dossiê é um retrato em preto e branco, sem retoque, da violência que as mulheres negras vivenciam cotidianamente, ocultadas pela cumplicidade do racismo patriarcal heteronormativo e institucional. Da violência praticada contra nossos corpos, nosso pensar, nosso existir. Seu objetivo é desassossegar, incomodar, fazer pensar e agir", Jurema Werneck e Nilza Iraci. *SUS, população negra e racismo: para promover saúde é preciso reconhecer e eliminar o preconceito*. pensesus.fiocruz.br, 2016.

Edna Roland, cita a importância da informação de gênero e raça no sistema de saúde que antes não era dada, para que se possa constatar essa diferença, analisar os dados desses atendimentos, pois só é possível analisar algo, quando temos a informação.

"A negação da informação tem sido um dos instrumentos mais virulentos existentes no Brasil, produto do racismo e da discriminação. Um problema sobre o qual você não tem informação, não existe. Você não pode combater o que não existe. Se não está documentada, a desigualdade não existe." Edna Roland, página 181/182. *Histórias do movimento negro no Brasil.: depoimentos ao CPDOC/org. Verena Alberti e Amílcar Araújo Pereira - Rio de Janeiro: Pallas; CPDOC – FGV, 2007.*

A diferença brutal é constatada, quando vemos direitos básicos como a saúde serem negligenciados ou negados, por conta da cor da pele.

"Houve relatos impressionantes que a agente pôde ouvir, de coisas que passam dentro do sistema de saúde e que configuram situações de discriminação racial. Por exemplo: relatos de pessoas em uma mesa de operação e que se

recusavam a ser operadas por um médico negro; situações em que uma mulher negra chega ao pronto-socorro está tendo um aborto, chega sangrando e as pessoas deixam ela em cima de uma maca, exposta, sem colocar um lençol em cima. Coisas assim que, para quem não vive cotidiano, pode parecer, às vezes sutil.” Edna Roland, página 181. Histórias do movimento negro no Brasil.: depoimentos ao CPDOC/org. Verena Alberti e Amílcar Araújo Pereira - Rio de Janeiro: Pallas; CPDOC – FGV, 2007.

2.5. Como a mulher negra é representada na mídia.

Quando falamos da diferença que existe entre as mulheres brancas e negras, é imprescindível que destaquemos o papel que as mulheres negras ocupam na mídia e também na sociedade.

“(…) a contradição específica de ser mulher negra, a questão de como a desigualdade, o racismo e a discriminação produzem a nossa realidade de exclusão e diferenciavam a nossa inserção social em relação á das mulheres brancas.” Sueli Carneiro, página 183. Histórias do movimento negro no Brasil.: depoimentos ao CPDOC / org. Verena Alberti e Amílcar Araújo Pereira - Rio de Janeiro: Pallas; CPDOC – FGV, 2007.

Ao observarmos as propagandas de tv, dificilmente teremos uma mulher negra como protagonistas. Não há identificação da negritude nesse meio, e quando temos vemos, por exemplo, em novelas e filmes, na maioria das vezes, essas mulheres, ocupando profissões subalternas perante a sociedade como, de babá, garçonete, empregada e etc. Ou então quando aparecem elas aparecem hiper sexualizadas.

Temos no Brasil, uma população que e sua maioria é composta por negros, mas que em um cenário nacional, sempre está em segundo plano, nunca como protagonistas.

“... No país, pretos e pardos representam 54% da população (IBGE 2015) e apenas 23% da categoria de jornalistas (FENAJ). Pesquisas feitas pelo Grupo de Estudos Multidisciplinar da Ação Afirmativa (Gema) da UERJ, em 2016, afirmam que entre os colunistas de O Globo, apenas 26% eram mulheres e 9% negros. Na Folha esses números eram de 27% e 4%, respectivamente. No Estadão, 28% e 1%. A Folha não tinha nenhuma colunista negra.

Nas 162 telenovelas, de 1984 a 2014, 91,3% dos personagens centrais foram representados por atores e atrizes brancos (Gema). Só 11 novelas foram protagonizadas por pretos e pardos, sendo três delas por Tais Araújo e duas por Camila Pitanga, Juliana Paes, Marcos Palmeira e Lima Duarte. Em outras 11 novelas, 100% dos personagens eram brancos.

Outro levantamento feito pelo Gema, analisando 3788 imagens de pessoas retardadas nas revistas de bordo das companhias aéreas Azul, Latam, Gol e Avianca, em 2015, aponta que 82,2% brancos e 10,1% pretos e pardos.” (Geledes.org.br.2018)

Uma mídia onde as mulheres negras, não são representadas como referência de beleza. Toda essa situação que traz a invisibilidade dessas mulheres contribui para uma auto- desvalorização dos negros.

2.6. A mulher negra e o mercado da beleza.

Atualmente, vemos com frequência uma verdadeira revolução entre as mulheres negras, com o empoderamento de suas características. Características essas que sempre foram negadas pela sociedade por muito tempo, em colocar como um símbolo de beleza apenas aquelas que apresentassem características europeias e desprezando todas as outras culturas e características. Temos apenas uma visão estereotipada da mulher negra. Contemos isso como uma das marcas deixadas pela escravidão no país.

Contudo ainda temos um mercado da beleza, que representa sempre mulheres que são consideradas o padrão de beleza, e que em sua maioria são, brancas, magras, com cabelos lisos, etc. e que invisibiliza o restante das mulheres que não fazem parte do grupo que possuem essas características aceitas pela sociedade, e com isso podemos concluir que esse mercado não representa todas as mulheres, menos ainda a beleza da mulher negra. É preocupante esse quadro, se levarmos em consideração que o Brasil é um país que sofreu forte miscigenação ao longo de sua história, onde temos as mulheres brancas, as negras em sua maioria, as asiáticas, indígenas etc. E mesmo assim, temos um mercado sem representatividade para todas elas.

“Em um país onde as negras representam um quarto da população geral, segundo dados do Instituto de Pesquisa Econômica aplicada, é gerada a questão de serem consumidoras, mas não serem vistas como público alvo.” Diz Jéssica Severo, para o site Superela.

Esse quadro vem mudando aos poucos, no momento em que grandes marcas que fazem parte do mercado da beleza e da começam a lançar algumas linhas de produtos destinados a mulheres negras.

Considerações finais

O presente trabalho teve como intenção, através da leitura do livro “Histórias do movimento negro no Brasil” que é todo ele composto por relatos, de militantes do movimento negro, com um foco no relato dessas mulheres entender a realidade da mulher negra no Brasil. Inicialmente tratamos da história, dos negros no Brasil, como se deu a abolição da escravidão no país, e as consequências disso. Fazemos uma viagem ao túnel do tempo, pois para entender a realidade da mulher negra atualmente, é necessário antes de mais nada que nós olhemos, para o passado, pois só assim é possível entender a realidade. Como umas das consequências temos, o preconceito racial e social, e com isso o surgimento de movimentos que lutavam por essa igualdade. Mas que aos poucos foi ganhando vertentes, assim como o movimento feminista, na medida em que não atendiam aos interesses de todos. No movimento negro na medida em que algumas mulheres negras não se sentiam totalmente representada e não aceitariam uma posição machista que era recorrente dentro do movimento, e no movimento feminista no momento em que o movimento não era capaz de abraçar todas as pautas, levando em consideração o fato de que existem direitos já presentes na vida da mulher branca, que ainda não é realidade da mulher negra, como por exemplo, um outro ponto desse artigo que é a questão da saúde. Onde as mulheres negras sofrem constantes violências médicas e obstétricas, verbais ou não. Vemos também essa diferença quando olhamos para o mercado de trabalho, onde as mulheres negras, além de ocuparem a maior parte dos subempregos, também recebem 30% a menos que as mulheres brancas.

Analisamos também como se dá sua relação e como é vista na mídia e mercado de beleza, ambos invisibilizam e não representa as mulheres em sua totalidade, apenas uma pequena parcela, que se encaixa nos padrões europeus, as mulheres negras que em sua totalidade formam a maior parte da população de mulheres, não são vistas como consumidoras em potencial. Mas também é possível perceber que esse quadro aos poucos vem mudando, no momento em que essas mulheres passam a valorizar sua beleza natural, quando algumas grandes marcas passam a fazer produtos que atenda a mais mulheres com o lançamento de linhas com suas novas e variadas tonalidades.

Para que esse quadro alarmante mude, é necessário medidas. Destacando aqui como a mais importante a ação nas escolas, pois a mudança é feita através da educação, do conhecimento. Ao conhecer a história e as condições a qual se deu a abolição da escravatura, para entender quadro atual do negro e com ênfase na mulher negra, pois assim é possível a abertura de um vasto campo de conhecimento e entendimento acerca do assunto. Uma ação efetiva, em que os professores se comprometam em ensinar essa história às crianças, eventos, seminários e palestras que despertem a noção da consciência negra, citada acima, e despertar em todos sem exceção, a importância da preservação da cultura africana (pois, muitos negros não têm conhecimento acerca de suas heranças), como a apresentação das religiões afrodescendentes de uma forma positiva e a respeitar as diferenças.

Apoio á instituições como, por exemplo, o Gelédes, que temos hoje em dia como um ótimo veículo para trazer informação e preservação da cultura africana.

Saliento aqui também, a importância permanência de cotas em universidades federais, como um meio de representatividade. Em uma realidade onde os negros representam cerca de dos estudantes nas universidades entrando em contradição com o fato de os negros representarem cerca de 54% da população do Brasil. Porém é necessário que exista uma fiscalização maior, onde não tenhamos pessoas se aproveitando de cotas e tirando as chances de uma pessoa que realmente representa os critérios para o ingresso pelas cotas.

Referências Bibliográficas

ALBERTI, Verena; PEREIRA, Amílcar Araújo Histórias do movimento negro no Brasil.: depoimentos ao CPDOC / org. Rio de Janeiro: Pallas; CPDOC – FGV, 2007.

[Abolição da Escravatura no Brasil – Resumo: História da Abolição da Escravatura no Brasil, os abolicionistas, Resumo, Lei Áurea decretada pela Princesa Isabel em 1888, a questão da escravidão no Brasil Império. Disponível para acesso em< https://www.historiadobrasil.net/abolicaodaescravatura/ >](https://www.historiadobrasil.net/abolicaodaescravatura/)

[Ipea: Desafios do desenvolvimento. História - O destino dos negros após a Abolição. 2011. Ano 8. Edição 70 – 29 de dezembro de 2011. Disponível para acesso em <http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&id=2673%3Acatid%3D28&Itemid=23>](http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&id=2673%3Acatid%3D28&Itemid=23)

[SIMÕES.G, Helton. G1.14 de maio de 2018. Brancos são maioria em empregos de elite e negros ocupam vagas sem qualificação: Levantamento do G1 com base em dados do Ministério do Trabalho mostra quais as ocupações mais frequentes para profissionais brancos e negros.](https://g1.globo.com/economia/noticia/brancos-sao-maioria-em-empregos-de-elite-e-negros-ocupam-vagas-sem-qualificacao)

[Disponível para acesso em <https://g1.globo.com/economia/noticia/brancos-sao-maioria-em-empregos-de-elite-e-negros-ocupam-vagas-sem-qualificacao.ghtml>](https://g1.globo.com/economia/noticia/brancos-sao-maioria-em-empregos-de-elite-e-negros-ocupam-vagas-sem-qualificacao.ghtml)

[CASTRO, Clarice. Pense SUS. 02 de dezembro de 2016. SUS, população negra e racismo: para promover saúde é preciso reconhecer e eliminar o preconceito. Disponível para acesso em <https://pensesus.fiocruz.br/sus-popula%C3%A7%C3%A3o-negra-e-racismo-para-promover-sa%C3%BAde-%C3%A9-preciso-reconhecer-e-eliminar-o-preconceito >](https://pensesus.fiocruz.br/sus-popula%C3%A7%C3%A3o-negra-e-racismo-para-promover-sa%C3%BAde-%C3%A9-preciso-reconhecer-e-eliminar-o-preconceito)

[MANSUR, Vinicius. 31 de março de 2018. Mídia e diversidade sob a ótica de três mulheres negras: A Escola de Comunicação \(ECO\) da Universidade Federal do Rio de Janeiro \(UFRJ\) marcou o início do ano letivo convidando três mulheres negras para falarem sobre Mídia e Diversidade. Disponível para acesso em <https://www.geledes.org.br/midia-e-diversidade-sob-otica-de-tres-mulheres-negras/>](https://www.geledes.org.br/midia-e-diversidade-sob-otica-de-tres-mulheres-negras/)

[MELERO, Maria Beatriz. 6 de abril de 2017. Feminismo: diferentes visões na luta pela igualdade de direitos. Disponível para acesso em <https://claudia.abril.com.br/sua-vida/feminismo-diferentes-visoes-luta-igualdade-direitos/>](https://claudia.abril.com.br/sua-vida/feminismo-diferentes-visoes-luta-igualdade-direitos/)

[LORAS, Alexandra. 3 de maio de 2017. O Negro na Mídia: população do Brasil é majoritariamente negra, mas ela sempre é coadjuvante ao cenário dos brancos, na publicidade nacional - nunca como protagonista. Disponível para acesso em <https://claudia.abril.com.br/blog/coluna-da-alexandra-loras/o-negro-na-midia/>](https://claudia.abril.com.br/blog/coluna-da-alexandra-loras/o-negro-na-midia/)

Gráfico 1: Disponível em < <https://g1.globo.com/economia/noticia/brancos-sao-maioria-em-empregos-de-elite-e-negros-ocupam-vagas-sem-qualificacao.ghtml> >

Imagem 2: Cronômetro da violência contra a mulher no Brasil. Disponível em <<http://agenciapatriciagalvao.org.br>>